

AVENTURAS NO MUNDO DA HIGIENE – ECOS DO DISCURSO MÉDICO NO TEXTO DE ERICO VERISSIMO

“Aventuras no Mundo da Higiene” – echoes of medical discourse in a text by Erico Verissimo

Marília Mezzomo Rodrigues¹

RESUMO

Este artigo examina referenciais médicos presentes no livro *Aventuras no mundo da higiene* (1939), de Erico Verissimo (1905-1975). Quando criança, Verissimo conviveu com farmacêuticos, médicos e doentes, pois a farmácia de seu pai era fronteira à casa em que habitavam. Leitor de livros de aventura, divulgação científica, almanaques de farmácia e atento aos debates que se davam ao seu redor, o autor foi adepto de uma tradição de pensamento formulada já no século XIX, que aponta a ignorância e a doença como as causas do fracasso nacional, contrapondo-se às teorias da inferioridade racial dos brasileiros causada pela mestiçagem. Como muitos de sua geração, Verissimo dedicou grande atenção à infância e preocupava-se com o que se ensinava às crianças. Além de tema em seus romances para adultos, essa preocupação se concretizou em livros de aventuras de caráter educativo, incluindo o livro citado, pouco conhecido atualmente.

Palavras-chave: educação higiênica; literatura infantil; sanitarismo.

ABSTRACT

The present paper examines the medical references contained in the book *Aventuras no mundo da higiene* (1939), by Brazilian author Erico Verissimo (1905-1975). As a child, the author had contact with pharmacists, doctors and the sick, as the pharmacy owned by his father was located opposite the family home. Reader of adventure and popular science books, as well as pharmacists' almanacs, and attentive to discussions happening around him, the author adhered to a school of thought dating from the XIX century, which considered ignorance and disease as the causes of the country's lack of prosperity, opposing the theories of a Brazilian racial inferiority due to the mix of races. As many of his generation, Verissimo dedicated great attention to children and was concerned about what they were taught. As well as an element present in his novels for adults, this concern translated into educational adventure books, including the aforementioned work, nowadays little known.

Keywords: hygiene education, children's literature, hygienism.

¹ Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: marilia.mezzomo@gmail.com

No início do século XX, vários projetos políticos para o país reforçaram e reelaboraram as premissas médicas e os ideais científicos relativos a trabalho, educação, urbanismo ou mesmo civismo. A eugenia e a miscigenação eram temas obrigatórios dos debates, a higiene² já fazia parte dos currículos escolares e os médicos também queriam para si a missão de construtores da nação, partindo de ideias como saneamento, saúde e doença e seus reflexos no mundo do trabalho e na formação das futuras gerações. Mesmo que discutidos com muita agitação, os temas não eram novidade; havia mais de meio século de debates acerca deles.

Na década de 1870, tais temas já sobressaíam na preocupação de cientistas, intelectuais e políticos. Houve os que acreditaram que a questão racial condenara o país ao atraso. Encontrando solo seguro na Escola de Medicina da Bahia e um grande defensor na figura do médico Nina Rodrigues, um “modelo científico determinista parece ter sido assumido sem qualquer receio. Nos discursos do dia-a-dia, na representação popular, nos jornais de circulação diária, é quase corriqueiro o argumento que traduz a ciência em termos populares e encara a raça como uma questão de importância fundamental nos destinos da nação.”³ Concebeu-se a hereditariedade pela fatalidade da raça – definida como inferior, pois miscigenada – passível de aprimoramento desde que se procedesse a um “branqueamento” do elemento nacional.

Simultaneamente, outras correntes de pensamento, de inspiração republicana e abolicionista, entendiam que a mesma ciência era capaz de proporcionar outras soluções eficazes para o desenvolvimento dos indivíduos e para a criação de uma nação verdadeira. Assim, o aprimoramento das futuras gerações se daria pela modificação do meio e de hábitos perniciosos que só faziam propagar o atraso, em todos os sentidos. “A ciência, em especial a medicina, propiciaria um alívio para intelectuais, que, até então, não enxergavam alternativas para um país que parecia condenado, dada a sua composição racial.”⁴

De acordo com Lília Moritz Schwarcz, entre o final do século 19 e o início do século 20, acreditava-se que “os homens continuavam *desiguais*, porém passíveis de ‘evolução e perfectibilidade’ em função da ação de um Estado soberano e acima das diferenças não só econômicas como raciais”.⁵ Para Jurandir Freire Costa, a família patriarcal e tudo o que representava, reproduzida por gerações e gerações, era um grande obstáculo a esse projeto. Analisando teses de formandos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre as décadas de 1830 e 1880, o autor destaca que *nação* e *futuro* são noções presentes nestes textos, guiadas pelo ideário higienista, no qual a população é definida como um bem nacional, um recurso humano. Assim, projetar o futuro passava, necessariamente, pela atenção à infância.

² Utilizei os termos *higienismo* e *sanitarismo*, *higienistas* e *sanitaristas* para designar o mesmo grupo de pessoas e as ações relativas à saúde pública no Brasil, nas primeiras décadas do século 20 de modo geral; de acordo com Lília Moritz Schwarcz, “a divisão entre sanitaristas – responsáveis pelos grandes projetos públicos – e higienistas – vinculados diretamente às pesquisas e à atuação médica mais individualizada – funcionou, muitas vezes, de maneira apenas teórica. Na prática, as duas formas de atuação apareceram de modo indiscriminado.” In: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 206.

³ Ibidem, p. 245.

⁴ HOCHMAN, *A era do saneamento*. São Paulo: Editora Hucitec ANPOCS, 1998. p. 68

⁵ SCHWARCZ, op. cit., p. 182.

Os higienistas perceberam que todo o sistema familiar herdado da Colônia tinha sido montado para satisfazer as exigências da propriedade e as necessidades dos adultos. Às crianças, tratadas como apêndice deste sistema, restavam as sobras do banquete. Foi contra esta situação que eles se bateram, vendo claramente que o inimigo principal era o pai, pivô e fulcro de toda a organização familiar.⁶

Como os novos cidadãos eram produto de suas famílias, precisavam sair delas comprometidos com o Estado, não mais com o pai; educados e higienizados, não apenas portadores de uma cultura familiar. A educação higiênica também buscava um compromisso civil. Não se tratava apenas de manter a saúde, mas de transformar algumas atitudes e pensamentos. Havia uma “luta pela secularização das mentalidades e europeização dos costumes, defesa da intrusão médica no universo cotidiano da família, demonstração da incompetência familiar no cuidado com os filhos.”⁷

Outra questão cara à busca desta nova nacionalidade era a ideia de *povo*, não visto apenas como um contingente populacional, mas portador de um traço cultural que o unisse, tradições e história comuns. Além do mais, deveria ser saudável; enquanto muitos afirmavam que deveria ser de preferência branco, outros se lançaram na pregação que pretendia sanar esse “problema” através da educação e de uma condição física saudável. Textos literários do final do século XIX elaboraram o assunto, como é o caso de *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *O mulato*, de Aluísio Azevedo. Para estes autores, educação e o conhecimento eram elementos basilares para a construção da nação brasileira, para a formação de uma sociedade na qual as pessoas garantissem sua dignidade pelo mérito em suas atividades, com chances iguais para todos.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, a consciência de que existiam no país populações isoladas e potenciais recursos naturais não explorados foi algo que impulsionou movimentos em direção aos sertões brasileiros. “Literatos, poetas, jornalistas, médicos, engenheiros são conclamados e entrar na cruzada de criação da nação”.⁸ Intelectuais e, não por acaso, higienistas associaram o que consideravam o atraso do país, em termos econômicos e culturais, à doença e à ignorância. Para eles, populações isoladas, submetidas a mandatários locais, ignorantes e doentes não poderiam contribuir para a construção de um país moderno e sua consequente inserção no grupo de nações ricas.

As teorias raciais e as explicações que, desde o século XIX, apontavam a miscigenação como origem das carências nacionais não chegaram a ser solapadas, mas não constituíram a explicação científica por excelência para o país. A ideia de higienizar, sanear, “tornar são”, possibilitava a aposta na regeneração do meio físico e das pessoas. Assim, o movimento sanitário, juntamente com a educação, integrou o conjunto de possibilidades de intervenção na realidade brasileira.

⁶ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 169.

⁷ *Ibidem*, p. 179.

⁸ LORENZO, Helena Carvalho e COSTA, Wilma Peres. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 190.

Em 1912, médicos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz empreenderam três grandes viagens, denominadas *expedições*, a serviço da Inspetoria das Obras contra a Seca e da Superintendência da Defesa da Borracha, que visavam investigações científicas e não a ação sanitária pontual. O relatório dessas expedições feito pelos médicos Belisário Penna e Arthur Neiva criou o interesse geral pelo saneamento e pelos sertões do país, já representados pelo texto literário do engenheiro Euclides da Cunha⁹ – ele próprio integrante, do final do século XIX até 1906, de expedições ao norte e ao nordeste, por conta das estradas de ferro, e de missões do Ministério das Relações Exteriores nas regiões de fronteira, com breve passagem pela Comissão de Saneamento de Santos.

As impressões de Penna e Neiva se disseminaram pelo país nos jornais, juntamente com debates acadêmicos e parlamentares a respeito do assunto. Foi como se outra sociedade tivesse sido descoberta no interior do Brasil. Certamente que a pobreza não era novidade para o restante dos brasileiros, mas a população pobre descrita no relatório dos sanitaristas parecia diversa. Além de ignorante, encontrava-se isolada, executava um trabalho primitivo, com objetos rústicos; em muitos locais, sequer utilizava moeda. Mais que isso, era portadora de doenças estranhas e desconhecia a noção de país. Causou forte impressão em Belisário Penna o fato de os habitantes dos sertões do Brasil não entenderem o conceito de país. Cada localidade era entendida como *uma terra*. “A única bandeira que conhecem é a do Divino.”¹⁰

Os sanitaristas possuíam uma certeza: a causa do “atraso” dos sertões não podia ser explicada apenas pela raça, mas pela doença e pelo abandono por parte de sucessivos governos. Recusando a representação romântica do brasileiro, assim como o conceito da sua incapacidade atávica, advinda da mestiçagem, os “sanitaristas expedicionários” quiseram dar provas de que era possível a recuperação do quadro que divulgavam.

Além de vários trechos publicados em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo, o relatório de Penna e Neiva foi editado integralmente em 1916. Este relatório também alimentou outros artigos de Belisário Penna para o jornal *Correio da Manhã*, entre 1916-7. Mesmo que o público leitor fosse pequeno, as ideias tinham grande divulgação e o tema estava sempre presente na imprensa. Dois anos antes, em artigos para o jornal *O Estado de São Paulo*, um certo Monteiro Lobato definira o caboclo do interior como “um piolho da terra a habitar qualquer pedaço de chão”, em moradias que pareciam brotar do chão, de um dia para outro, como urupês. Nas matérias *Velha Praga e Urupês*, o fazendeiro formado em direito e escritor referiu-se ao homem do interior de São Paulo como *Jeca Tatu*, a utilizar a terra de forma predatória, vivendo de um extrativismo primitivo e dominado pela ignorância e por uma estrutura agrária arcaica, geração após geração. Em

⁹ O livro *Os sertões* foi publicado em 1902, pela Editora Laemmert & Comp., do Rio de Janeiro. Nas suas 637 páginas é descrita *A Terra*, desde o litoral do Rio Janeiro até o da Bahia, dirigindo-se a seu interior, rumo ao rio São Francisco, até Belo Monte (Canudos); *O Homem*, sertanejo forte, “sem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”; e *A Luta* dos soldados republicanos contra os miseráveis partidários do místico anti-republicano Antônio Conselheiro. A edição original conta com mapas, ilustrações sobre a flora e a geografia das regiões descritas e fotos de Flavio de Barros.

¹⁰ PENNA, Belisário & NEIVA, Arthur. Expedição pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte a Sul de Goiás. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro, Instituto Oswaldo Cruz, 1916. Apud: THIELEN, Eduardo V. et alii. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 2002. p. 58.

1918, escreveu para *O Estado de São Paulo* outras matérias com o mesmo tema; nelas, o Jeca Tatu ainda era fonte de problemas vários, mas havia outra explicação para o fato: em linhas gerais, além da ignorância, o Jeca era *vítima* das doenças e do descaso do poder público. Sobre esta mudança de perspectiva de Monteiro Lobato, Aluizio Alves Filho explicou:

Foram médicos higienistas sediados no Rio de Janeiro, no Instituto de Manguinhos (atual Fundação Oswaldo Cruz) que, ao publicar relatório de pesquisa em 1916 apontando para a calamitosa situação de saúde em que se encontravam as populações rurais, vitimadas por numerosas endemias, levantaram a questão. A publicação do relatório de Manguinhos colocava a desnudo, pela primeira vez, a realidade existente. É calcado nas conclusões de Manguinhos que Lobato escreveria um conjunto de indignados artigos em *O Estado de São Paulo* (1918), denunciando o descaso oficial em relação às condições de saúde do homem pobre do campo. Nestes artigos - reunidos em *Problema vital* - a identidade do Jeca Tatu, construída em torno da preguiça em *Velha praga e Urupês*, era substituída pela do Jeca tão doente quanto abandonado.¹¹

A leitura dos relatórios das expedições médicas pelo interior do Brasil provocou engajamentos pela saúde pública, tendo em vista as populações e os locais longínquos. Entendia-se, através dos textos dos viajantes médicos, que uma grande integração nacional deveria ser promovida via saneamento; caso contrário, o Brasil doente contaminaria o restante do país e não realizaria o que havia de potencial na terra. A ciência poderia bloquear os elementos que impediam o progresso, como doenças, má utilização do solo e ignorância, através de políticas específicas, centralizadas, dirigidas a esses males. Como sublinha Nancy Stepan, “raramente se examina a ciência como parte do projeto de nacionalismo, apesar de ter sido um poderoso discurso regulador do seu significado”.¹²

O empenho com que Belisário Penna levou adiante sua campanha educativa e sanitária, principalmente nas duas primeiras décadas do século 20, foi o mesmo de intelectuais que viam na saúde e na educação o caminho para a nação ideal. A divulgação dessas ideias era fator de suma importância para o movimento sanitário, que “saturou a sociedade brasileira com uma interpretação sobre o Brasil a partir de dois eixos complementares que o definiriam: *o hospital e os sertões*”.¹³ Não é exagero afirmar que a higiene estava na ordem do dia, não apenas nos planos médicos, mas nos discursos políticos, na imprensa e nas manifestações artísticas.

Dominichi Miranda de Sá destaca que os jornais também deram espaço à vulgarização científica.¹⁴ Outra publicação, de grande alcance, aliada por excelência das campanhas

¹¹ ALVES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Inverta, 2003. p. 103-4.

¹² STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia; raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 119.

¹³ HOCHMAN, *A era...*, op. cit., p. 79.

¹⁴ DE SÁ, Dominichi M. *A ciência como profissão; médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 115.

sanitaristas e educativas, foi o almanaque de farmácia, que conseguia atingir populações de locais mais remotos. Roger Chartier sintetizou a importância dos almanaques de farmácia brasileiros no século 20, na introdução que escreveu para *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*, de Margareth B. Park:

No Brasil do século XX, os almanaques farmacêuticos assumem, como alguns de seus precursores europeus, a tarefa da educação sanitária e moral do maior número de pessoas. Fazendo uma aliança original entre publicidade comercial, normas familiares e projeto de higienização, eles se inscrevem, a sua maneira, na filiação dos almanaques “esclarecidos” e pedagógicos do tempo das Luzes. Mas no contexto do Estado moderno, eles são igualmente os portadores de um projeto de reforma e de civilização identificado ao destino da nação e, para alguns, da raça.¹⁵

Ao final do século XIX e início do século XX, os almanaques brasileiros foram todos publicados por laboratórios farmacêuticos para a veiculação publicitária de seus produtos; todos tinham distribuição gratuita. Margareth Park apontou o *Pharol da Medicina* como a matriz para outros almanaques publicados posteriormente no Brasil. Produzido pela Drogaria Granado do Rio de Janeiro, seu primeiro número teve tiragem de 100 mil exemplares, em 1887. Até 1910, a tiragem permaneceu a mesma; em 1912, passou a 150 mil exemplares, alcançando os 200 mil em 1913.¹⁶ Além da publicidade dos laboratórios, os almanaques apresentavam informações sobre saúde; como evitar doenças e realizar pequenas obras de saneamento (latrinas e poços); fatos curiosos; tabelas de lunações; charadas; caricaturas; piadas; calendários; informações astrológicas. A publicidade dos medicamentos os apresentava como verdadeiras panaceias, mas também repetiam frases do ideário higienista para reforçar a eficácia dos seus princípios ativos. Os almanaques eram distribuídos nas farmácias, as quais, nas cidades de interior, faziam as vezes de hospitais e consultórios médicos, por conta da carência dessas instalações e desses profissionais. Assim como os armazéns, também funcionavam como ponto de encontro.

Em suas memórias, Erico Verissimo dedica um capítulo à Farmácia Brasileira, de seu pai, e vários outros às imagens que o ambiente deixou registradas na imaginação do menino de interior no início do século 20. Como o pai de Verissimo era um autêntico *bon-vivant*, contratou um “prático”, responsável pela manipulação de fórmulas e consciencioso com relação ao movimento de caixa (geralmente baixo, por conta das compras fiadas), e alguns jovens assistentes. Assim, desembaraçado das atividades profissionais, o farmacêutico mantinha seu estabelecimento como espaço de sociabilidade privilegiado. A política era tema constante na farmácia de Sebastião Veríssimo, republicano antioligarquias e editor do jornalzinho humorístico *O Calhorda*, juntamente com o médico Catarino Azambuja,

¹⁵ CHARTIER, Roger. Introdução: o livro dos livros. In: PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 10.

¹⁶ PARK, op. cit., p. 72-6.

seu cunhado. Na farmácia, funcionava a sala de operações, comandada pelo cirurgião italiano Cesare Merlo. Nos fundos, havia dois pavilhões, onde os recém-operados em estado mais delicado aguardavam pela alta médica, muitas vezes com as famílias que lá se instalavam também. Entende-se, pelas descrições de Verissimo em *Solo de Clarineta*, seu livro de memórias, que a cidade não possuía hospital e as urgências não deixavam tempo para que doentes e feridos fossem transportados até a cidade mais próxima.

No quintal atrás da farmácia, havia uma ameixeira-do-japão, árvore que o autor tomou, segundo ele próprio, *manu militari*, transformando-a em refúgio e posto de observação avançado: “trepado como um arborícola nos galhos dessa ameixeira eu observava as atividades da farmácia. Via às vezes um enfermeiro sair da sala de operações carregando uma perna ou um pé ou um braço humano recém-amputado. Não sei se os enterravam em algum lugar ou se distante dali ou se simplesmente os jogavam dentro do buraco da latrina.”¹⁷ Para o seu refúgio, Verissimo carregava livros e revistas – Sebastião Verissimo era assinante de jornais e revistas da capital federal, da capital gaúcha, assim como de periódicos europeus, como a revista francesa *L'Illustration*. Sua biblioteca foi lembrada nas memórias do filho como uma preciosidade que aos poucos foi dilapidada por empréstimos sem volta e livros que o dono ofertava aos amigos e visitantes. Nela, Erico Verissimo encontrou os primeiros livros de Jules Verne, dos quais, por muitas vezes, “saltei por cima das dissertações puramente geográficas ou históricas”, pois “o que me interessava em seus romances não era a cultura, mas a aventura”¹⁸; passou a ler os romances do médico higienista Afrânio Peixoto, “alternando essas leituras realistas com novelas de aventuras folhetinescas”. “Travei conhecimento com Aluizio de Azevedo através de *O Cortiço* e *Casa de Pensão* ... Coelho Neto me conquistou ... com o seu *Sertão*... Por mais estranho que pareça, a minha primeira tentativa para ler Machado de Assis não foi lá muito bem sucedida. Fiz passeios deliciosos pelos romances de Joaquim Manoel de Macedo...Tive uma paixão literária por Afonso Arinos por causa de seu *Pelo Sertão*”.¹⁹ Uma guinada nas escolhas literárias de Verissimo ocorreu durante o surto de gripe espanhola no Brasil, quando ele tinha 13 anos de idade: “Foi durante a influenza de 1918 que li pela primeira vez Eça de Queirós (*Os Maias*), Dostoiévski (*Recordação a Casa dos Mortos* e *Crime e Castigo*), Tolstói (*Ana Karênina*) e o *Ivanhoé*, de Walter Scott. E a minha salada literária foi um dia apimentada fortemente por livros de Émile Zola como *L'Assomoir*, *Naná*, *Germinal*, *Tereza Raquin* e *A Besta Humana*”.²⁰

Outras leituras às quais Verissimo dedicou páginas de suas memórias foram as dos almanaques que chegavam à farmácia, onde ele não tinha permissão para entrar, mas “ousava penetrar às escondidas na sala de operações, antes ou depois de um ato cirúrgico, e de lá saía quase sufocado pelas emanações de formol com que a fumigavam para desinfetá-la. Era também meu costume andar pelos compartimentos da botica paterna,

¹⁷ Ibidem, p. 65.

¹⁸ Ibidem, p. 119.

¹⁹ Ibidem, p. 120.

²⁰ Ibidem, p. 121.

atento à chegada de almanaques novos”.²¹ E, leitura por excelência das crianças brasileiras do início do século XX, a revista *O Tico-Tico*. Era publicada por Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, dono de *O Malho* – a revista humorística que, lançada em 1902, anunciava: “tudo que passar a seu alcance será a bigorna”.²²

A revista *O Tico-Tico* foi criada em 1905, ano em que Verissimo nasceu, e circulou até 1962. O periódico infantil foi idealizado e coordenado por Renato de Castro, jornalista e caricaturista, Cardoso Júnior, poeta, e Manoel Bomfim, médico e professor. Ligado ao poeta Olavo Bilac desde a década de 1890, Bomfim pregava a capacidade transformadora da educação. Ao final daquela década, foi o diretor da pasta de Instrução Pública do Distrito Federal, além de já dirigir e desenvolver projetos no *Pedagogium*, criado em 1890 pelo Ministério da Instrução Correio e Telégrafos, como um laboratório para desenvolver o ensino da república.²³ Em 1910, Bomfim publicou, com Bilac, *Através do Brasil*, “livro de leitura” (próximo aos paradidáticos atuais) que apresenta dois irmãos em viagem pelo país; “não constitui simples deslocamento espacial pelo território nacional, mas, ao longo da narrativa, revela-se fundamentalmente como jornada educativa que se realiza na interação das personagens e dos leitores — com uma determinada realidade objetiva representada com intenção verossímil na narrativa como o próprio Brasil.”²⁴ O livro buscava transmitir, a partir da viagem de duas crianças e do mapeamento do país, a noção de unidade territorial – e de nação. Dois meninos partem em busca do pai, engenheiro ferroviário, que adoeceu durante as obras da estrada de ferro de Águas Belas, em Garanhuns (PE). Atrás de informações incorretas e orientações imprecisas, os meninos percorrem o Brasil de norte a sul, conhecendo detalhes geográficos, hábitos e tipos humanos.²⁵ À parte os referenciais de fundo romântico – acerca da grandeza do país, da formação do povo e da natureza – o livro pode ser associado, de certa forma, aos relatos dos médicos sanitaristas em peregrinação pelo país. *Através do Brasil* esteve presente em bibliotecas e salas de aula brasileiras durante toda a primeira metade do século XX. Manteve a longevidade de *O Tico-Tico*, que também apresentava objetivos educativos.

Além de histórias em quadrinhos, jogos e “brinquedos de armar”, n’*O Tico-Tico* eram publicadas, em capítulos, obras de Jules Verne, Mark Twain, Miguel de Cervantes, Jonathan Swift e mesmo de Shakespeare. Nas seções *Correspondência do Dr. Sabetudo* e *Lições do Vovô*²⁶ eram transmitidas noções de civismo, higiene e disciplina. Erico Verissimo dedicou mais descrições à revista que aos autores das obras consagradas que leu.

Quarta-feira era o meu dia mais esperado e feliz da semana, pois era às quartas que geralmente chegava a Cruz Alta o último número de *O Tico-Tico*... Eu entrava na

²¹ Ibidem, p. 65.

²² Disponível em < <http://memoriaviva.digi.com.br/omalho/>> Consultado em 23/01/2008.

²³ BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 63-4.

²⁴ Ibidem, p. 102.

²⁵ Ibidem.

²⁶ VERISSIMO, *Solo de Clarineta*. Memórias. v. 1. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p. 67-8.

livraria com um certo temor no coração e perguntava com voz mal audível: “Chegou *O Tico-Tico*?” E ficava com os olhos, o coração, todo o meu ser, em suma, preso aos lábios do seu Doca. Com sua calma imperturbável, ele olhava em torno, lento, e depois, arrastando os pés, aproximava-se dos pacotes recém-chegados da agência do Correio e apanhava o novo número da revista, entregando-o ao alvoroçado assinante. Não freqüentemente o livreiro informava: “O *Tico-Tico* não chegou. Esta semana está atrasado.” Minha decepção ante a terrível notícia tinha um caráter quase catastrófico... Fazia a volta e tornava à casa de cabeça baixa, um vácuo na cabeça, um aperto no peito ... Nas “quartas-feiras felizes” eu agarrava o número de *O Tico-Tico* recém-chegado e folheava-o aflito, no caminho para casa, sem saber que estória devia ler primeiro ... Eu aproximava a revista do nariz, para sentir aquele cheiro mágico de tinta e de papel de jornal. No pátio a ameixeira do Japão parecia esperar-me, interessada também nas estórias de *O Tico-Tico*.²⁷

A leitura de aventuras influenciou profundamente Erico Verissimo, algo que se percebe na sua produção de literatura infantil, marcada pela aventura e pelas viagens. Ele sempre chamou a atenção para a necessidade do sonho e da imaginação na literatura para crianças, mas é inegável o traço educativo que suas histórias apresentam. E na confluência da viagem e do aspecto educativo, encontra-se a ciência, aplicada visando o desenvolvimento social; ou a sua ausência, ilustrando desequilíbrios. Entre 1935 e 1936, Erico Verissimo publicou *A vida de Joana d’Arc*, *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres*, *Rosa Maria no Castelo Encantado* e *Meu ABC*. Em 1937, saiu *Aventuras de Tibicuera*, história de um índio imortal, que ainda criança deixou sua tribo e acompanhou toda a história do Brasil, avançando alguns anos no futuro (o livro termina em 1942). “Reagindo ao ufanismo da ditadura Vargas, faz sua versão paradidática da história brasileira.”²⁸ Com este livro, Verissimo foi um dos selecionados daquele ano pela Comissão Nacional de Literatura Infantil, criada pelo ministro Gustavo Capanema, da Educação e Saúde Pública, para estimular a produção literária de qualidade dirigida às crianças.

Os concursos promovidos pela CNLI selecionavam e premiavam livros por categorias e faixa-etária. Participaram desses concursos e foram premiados autores como Lúcia Miguel Pereira (*A fada menina*), Marques Rebelo (*A casa das três rolinhas*) e Graciliano Ramos (*A terra dos meninos pelados*), entre outros.²⁹ O incentivo à produção de literatura infantil foi significativo na década de 1930,

[...] período em que Erico Veríssimo se afirma como autor de livros para crianças, tanto pelo volume, como pela qualidade de sua obra. Ele, nesse sentido, vai se juntar a um elenco de autores engajados nesse tipo de proposta, cujo grande nome

²⁷ Cadernos de literatura brasileira. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003. p. 11.

²⁸ GOMES, Angela de Castro. *As aventuras de Tibicuera: História do Brasil na Era Vargas*. Disponível em <http://www.unesp.br/propp/palestra_pibic.htm> Consultado em 30/06/2006.

²⁹ Ibidem.

antecessor e renovador era Monteiro Lobato. Não é certamente casual que educação e literatura infantil se renovem nos anos 1920 e que ganhem impulso nos anos 1930, inclusive favorecidos por políticas públicas do Ministério da Educação e Saúde.³⁰

Veríssimo também manteve, por um ano, um programa infantil na Rádio Farroupilha de Porto Alegre. Chamava-se *Clube dos 3 Porquinhos*, e seu criador apresentava-se como o Amigo Velho. Em 1937, quando o Estado Novo de Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a censura aos meios de comunicação atingiu não apenas grandes periódicos ou programas e figuras de rádio consagradas:

Fui notificado de que dali por diante o Amigo Velho teria de submeter previamente suas estórias ao Departamento de Censura, antes de contá-las aos seus pequenos ouvintes. (Como as ditaduras temem as palavras!) Decidi terminar a hora infantil, o que fiz com um discurso de despedida e ao mesmo tempo de protesto contra a situação. Isso me valeu uma nova interpelação da parte da Polícia. “Quero que me fales com toda a franqueza” – disse-me naquele dia um funcionário do DOPS com quem eu tinha relações pessoais. – “És ou não comunista?” Nem sequer me dei o trabalho de lhe responder. Voltei-lhe as costas, ganhei a rua e desci as escadarias do viaduto assobiando...³¹

No mesmo ano, Erico Verissimo foi premiado pelo Ministério da Educação, assim como foi obrigado a se explicar para censores, exemplo das ambiguidades na relação entre Estado Novo, intelectuais e artistas. Entre 1938 e 1939, o autor publicou *O urso com música na barriga*, *A vida do elefante Basílio* e *Outra vez os três porquinhos*. Todos estes títulos infantis tiveram sucessivas reedições; a última delas ocorreu em 2005, quando do centenário do nascimento do autor. Há, porém, uma exceção: *Aventuras no mundo da higiene*³², também de 1939, escrito nos moldes das cartilhas do período. Maria Helena Bastos e Maria Stephanou³³ constataram que muitos trabalhos sobre a vida e a obra do escritor sequer fazem referência a esse pequeno livro.

Também sob os auspícios de Gustavo Capanema, várias cartilhas com conselhos higiênicos e cívicos – muitas vezes, ambos – foram publicadas na década de 1930. A própria Livraria do Globo publicara, em 1937, a cartilha *A festa das letras*, da poetisa Cecília Meireles e do médico Josué de Castro; a publicação tratava da higiene e da alimentação.³⁴ O médico e farmacêutico Renato Kehl, autor de *Lições de Eugenia* também escrevera, em 1936, *Cartilha de higiene – Alfabeto da Saúde*, livro infantil ilustrado. Kehl,

³⁰ Ibidem.

³¹ VERISSIMO, Erico. *Aventuras no mundo da higiene*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

³² BASTOS, Maria Helena C. e STEPHANOU, Maria. Infância, Higiene & Educação. 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. *40 Anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 1-15.

³³ CUNHA, Maria Tereza Santos e BASTOS, Maria Helena Câmara. Letras em festa. In: NEVES, Margarida de Souza et al. (orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC Rio/Edições Loyola, 2001. p. 204.

³⁴ VERISSIMO, *Aventuras...*, op. cit., p. 12.

Cecília Meireles, Josué de Castro e Erico Verissimo produziram cartilhas com pontos em comum, mesmo que as concepções políticas e formas de pensar a sociedade dos autores fossem completamente diferentes, em alguns aspectos mesmo opostas.

Quando escreveu *Aventuras no mundo da higiene*, Verissimo organizou-o como um manual de higiene pessoal para crianças; o livro compõe-se de dezesseis lições, trazendo nos anexos um quadro sobre “valor dos alimentos” e tabelas com a relação peso \times altura ideais para cada idade e sexo. Como o livro foi escrito em 1939, a história está repleta de metáforas sobre bombardeios, aviões, exércitos inimigos e fogo de artilharia. Tais imagens são utilizadas para representar a ação dos remédios e das vitaminas, dos micróbios, do cigarro e das bebidas no organismo humano.

No início do livro há um *Bilhete*, no qual Verissimo salienta a necessidade de explicar a importância dos hábitos de higiene e não apenas determinar às crianças que façam isso ou evitem aquilo, sem compreender o porquê das ações. O livro foi dividido por temas: dos bons hábitos aos vícios, passando pela alimentação, aparelhos do corpo humano, limpeza e manutenção do ambiente, exercícios. A narrativa segue as aventuras de um verdadeiro Jeca-Tatu mirim, o menino Zé Pedro. Ele é pobre, enfermiço, ignorante, sujo e conhecido como *Patinho Feio*. Um dia, conhece Mário, seu total oposto: menino forte, saudável, instruído, limpo – e rico. Este explica a Zé Pedro que “não sou mais bonito nem tu és feio. O que eu tenho mais do que tu é saúde, higiene.”³⁵ O narrador da história pergunta: “Por que é que existem no mundo crianças gordas, coradas, bonitas, sadias e crianças assim chupadas, amarelas e tristonhas como o Patinho Feio?”³⁶ Ele sugere que poderia explicar em poucas palavras, “mas não será melhor a gente acompanhar o patinho Feio para ver o que vai acontecer com êle?”³⁷ Zé Pedro conhece a *Vila da Alegria e da Saúde*, que é a bela casa de Mário. Os pais deste viajaram, então, ele ficou aos cuidados de um preceptor, o “professor de higiene, dr. Salus.” Zé Pedro, então, passará a frequentar as aulas do Dr. Salus juntamente com Mario. Antes, passa por um banho, corte dos cabelos e unhas, escovação dos dentes e troca de roupas; seu aspecto muda, assim como sua disposição. Percebe-se a referência à importância do meio na determinação da vontade – ideia cara ao movimento higienista/sanitarista.

As aulas acontecem na própria casa de Mário, que possui equipadíssima sala de aula. Cada assunto que o Dr. Salus ensina é introduzido por uma pequena história, algumas vezes, já conhecida. A dos *Três porquinhos*, por exemplo, foi transformada em *Os três porquinhos higiênicos*, que se alimentam bem, se exercitam, tomam sol e dormem o tempo necessário. Ninguém ameaça derrubar a casa dos porquinhos higiênicos, que a mantêm limpa e arejada. As descrições nem sempre agradáveis sobre secreções humanas e sujeira – presentes nas narrativas de Verissimo para adultos – também têm espaço no livrinho, garantindo que o conteúdo para o qual desejava chamar a atenção fosse bem entendido: em um desenho animado que o Dr. Salus projeta para os meninos, é possível acompanhar as peripécias de uma mosca em pleno voo:

³⁵ Ibidem, p. 10.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem, p. 31.

Saíu pela janela, desceu ao chão, pousou num escarro, depois na boca de um cachorro morto, entrou numa privada e mergulhou no cubo ... de novo saíu para o ar livre, entrou pela janela dum hospital e pousou bem na ferida dum doente. Em seguida, saíu pela janela, penetrou numa casa e foi pousar num resto de leite que estava dentro duma chícara (*sic*) em cima da mesa da sala-de-jantar. Molhou as patinhas no leite, sacudiu as asas e tornou a ir embora. Apareceu depois um lindo menino, pegou a chícara e levou-a à boca...³⁸

Iniciando uma palestra sobre “a máquina mais perfeita do mundo”, o Dr. Salus pergunta aos meninos se eles sabem do que se trata. Ambos arriscam o avião e a máquina de calcular. O professor explica que se trata do corpo humano, “porque é tão complicada, tão bem feita, tão engenhosa, que até hoje nenhum homem conseguiu construir uma com suas próprias mãos.”³⁹ Zé Pedro pergunta: “E o Frankenstein?” O professor responde: “Oh! Isso é história de ficção: história inventada, que não aconteceu”. Mário rebate: “Muito engraçado! Quando um escritor conta uma coisa que não aconteceu, dizem *é uma obra de ficção*. Quando um menino conta uma história que não aconteceu, gritam logo: *é uma mentira dêsse malcriado!*”⁴⁰ Na abertura do capítulo, há o desenho de um Frankenstein, de músculos saltados, com uma flor em punho. Em outra aula que ministra a Zé Pedro e Mário, o Dr. Salus conta a história de um casal muito pobre e com muitos filhos. Eram oito ao todo, “abandonados e sujos como porquinhos de quintal pobre”.⁴¹ O casal teve então gêmeos, dois meninos; sem qualquer condição para criá-los, pai e mãe decidem dá-los a quem os quisesse. “Veio o médico e levou um dos recém-nascidos. O outro foi entregue a um carroceiro, pobre também, mas sem filhos.”⁴²

Os gêmeos permaneceram idênticos somente até completarem quinze anos. O que vivia com o doutor tinha o corpo teso, a pele lisa, os dentes bons e a fisionomia alegre. O que morava com o carroceiro era um pouco encurvado, já tinha dentes podres, pele amarelenta e rosto um pouco tristonho. Aos vinte anos o rapaz do médico era um homem bonito, forte e cheio de alegria. O do carroceiro parecia ser dez anos mais velho ... Aos trinta anos o filho adotivo do médico continuava a ser um homem perfeito. O do carroceiro – coitado! – já tinha morrido...⁴³

O Dr. Salus explica os motivos que levaram gêmeos idênticos a se diferenciarem tanto:

O menino que ficou com o médico foi criado com *higiene*, num meio limpo: cresceu *com saúde* e quem tem saúde tem alegria. E o pobre pequeno entregue ao carroceiro

³⁸ Ibidem, p. 49.

³⁹ Ibidem, p. 50 (grifos do autor).

⁴⁰ Ibidem, p. 19.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem, p. 20-1.

⁴³ Ibidem, p. 21 (grifos do autor).

foi criado ao abandono, num meio sujo, sem higiene e portanto cresceu doente, e quem é doente é triste... Guardem na memória o que eu vou dizer: Quem obedece às ordens da higiene e vive limpamente é um candidato à saúde, à beleza, à vida longa. Quem desobedece às regras da higiene e ama ou suporta a sujeira fica doente, vive sofrendo e morre cedo.⁴⁴

Aprende-se que “a higiene deve começar por casa”⁴⁵, título de um dos capítulos do livro, numa paráfrase do ditado “a caridade começa por casa”. Sim, pois como explica o Dr. Salus, como podemos ser caridosos e solidários com todos se não o somos com a própria família? “Do mesmo modo, que podemos esperar de um homem que mora numa casa anti-higiênica? O verme vive debaixo da terra. O morcego prefere a noite. Há escaravelhos que só podem viver no estêrco. Os sapos amam os charcos. A coruja adora a sombra. Mas os homens inteligentes devem amar as casas limpas, claras e arejadas.”⁴⁶ As oposições entre sujeira/escuridão e limpeza/claridade aparecem muitas vezes, inclusive nos desenhos, que repetem imagens de homens doentes, deprimidos, muito magros e com roupas sujas ao lado de rapazes fortes, com impecáveis roupas esportivas brancas, peitos estufados e sorrisos permanentes.

As lições aos meninos continuam na mesma linha, até que o ciclo de aprendizagem dos conteúdos essenciais se completa. Zé Pedro não é mais o Patinho Feio, porém, não gostaria mais de sair da companhia do amigo nem retornar a sua casa pobre e suja. O final é feliz para o protagonista: seus pais são convidados pelos pais de Mário para serem os caseiros da *Vila da Alegria e da Saúde*. Assim, os dois amigos não se separam e o Dr. Salus poderá continuar zelando pela educação higiênica de ambos.

A preocupação com a formação higiênica esteve presente tanto nos discursos médicos, quanto de educadores e intelectuais preocupados com a educação nacional. A escola poderia ser um poderoso aliado na formação de indivíduos sãos, com bons hábitos de higiene e cívicos, conhecimentos sobre seu país e o mundo e, principalmente, com um engajamento que visasse contribuir para a grandeza nacional. Na década de 1930, foram frequentes, em escolas de todo o país, os *pelotões de higiene* ou *pelotões de saúde*, para a divulgação, verificação e auxílio sobre questões de higiene a toda a comunidade escolar. Os participantes dos pelotões disseminavam os conhecimentos e, de certa forma, “bom comportamento” e civismo. Havia condecorações e uma hierarquia ocupada de acordo com o esforço e o mérito dos participantes. Em 1933, num artigo da *Revista Médica do Paraná*, explica-se como poderiam ser constituídos os *pelotões*:

[...] sob moldes militares, com promoções, distintivos, competições e até cadernetas de serviço, em que são anotados os deveres cumpridos, os prêmios conquistados, os aumentos de peso e de altura, as atitudes corretas, os cuidados corporais, etc.

⁴⁴ Ibidem, p. 27.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ *Revista Médica do Paraná*. Anno III, n. 1-Dez. 1933. p. 16-7. Apud RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A prevenção da decadência: discurso médico e medicalização da sociedade*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 99.

Aqueles que apresentarem maior numero de anotações boas recebem premios, em dias solenes.⁴⁷

Deveriam ser coordenados pela *professora de saúde*, “escolhida entre as moças de mais bela aparência, em pleno gozo de saúde e entusiasta de Higiene”⁴⁸, sendo que sua imprescindível função na escola seria “encaminhar as crianças no modo higienico de viver, procurando por todos os meios, pelo exemplo, pela ação, interessa-las no *brinquedo de saúde*.”⁴⁹ Em *Aventuras no mundo da higiene*, quando Zé Pedro conhece o Dr. Salus, reflete: “Se dona Juventina fôsse limpinha e alegre como o dr. Salus eu nunca faltaria às aulas.”⁵⁰ Tanto no ensino higiênico de Verissimo como no descrito pelo médico na *Revista Médica*, o professor também deveria corresponder a um ideal de apuro e saúde. O tom lúdico dado a temas nacionais importantes sempre ocorreu nos ambientes escolares; o que chama a atenção é o tipo de mobilização requisitado quando se trata da higiene, em moldes paramilitares.

Maria Helena Bastos e Maria Stephanou reproduziram uma carta endereçada a Verissimo, publicada na *Revista do Globo*, em 1942. Foi enviada por monitores de um pelotão de saúde de uma escola rural do Rio de Janeiro:

Escola Típica Rural de Capivari, Rio Claro, Rio de Janeiro.

Ilmo. Sr. Erico Verissimo,

Em nosso nome e no de nossos coleguinhas, escrevemo-vos a fim de por-vos ao par de que fostes o escolhido para patrono do nosso “Pelotão da Saúde”. Nossa professora contou-nos que escrevestes um lindo livro de higiene intitulado “Aventuras no Mundo da Higiene”, onde fazeis um paralelo entre dois meninos: um que seguia todas as regras higiênicas e outro que nem essas regras conhecia. A diferença que havia entre os dois era enorme. Enquanto o primeiro era forte e bonito, o segundo era magro e feio. Nós, como monitores, temos o dever de transformar todas as crianças magras e feias em fortes e sadias, e como afilhados, já começamos a abusar da bondade de tão bem escolhido padrinho, pedindo que nos mande um exemplar de sua bela história.

(Do Pelotão de Saúde Érico Veríssimo. Monitores Benedito Rodrigues e Sílvia Carvalho, 25/abr./1942.)⁵¹

Higiene, educação e disciplina pareciam ter um mesmo núcleo. E assim como os médicos propugnavam que os males nacionais se encontravam na falta de saneamento e na falta de estrutura médico-hospitalar em todo o país, intelectuais e literatos entenderam que a educação também era outro fator determinante. Em comum, a crença na superação,

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Ibidem. Grifos no original.

⁴⁹ VERISSIMO, *Aventuras...*, op. cit., p. 18.

⁵⁰ In: *Revista do Globo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, abr/1942. Apud BASTOS e STEPHANOU, op. cit., p. 13.

⁵¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. rev. autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006p. 137.

na evolução, na modificação do meio e das mentalidades. Ao debate sobre a raça brasileira se sobrepuseram as imagens de saneamento e educação como as soluções desejáveis – imagens que a literatura também elaborou. Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido afirmou que “diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito”⁵². E, citando uma “inflação literária” brasileira, conclui que “a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros”.[□]

Tentando não cair na armadilha da confirmação literária para momentos históricos, entende-se como o texto literário *também* elaborou discussões fundamentais no país no final do século XIX e início do século XX, assim como soluções; fenômenos como ignorância, miséria e doenças se tornaram temas literários a questionar os rumos da modernização, os entraves ao desenvolvimento, os contrastes sociais. O papel da ciência e da educação guiando os sentidos da identidade nacional, além das proposições de sanitaristas, educadores e legisladores foi igualmente construído pela literatura, através de cenas que há quase dois séculos constituem o repertório de representações sobre as melhores soluções para o país.

Referências

ALVES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

BASTOS, Maria Helena C. e STEPHANOU, Maria. *Infância, Higiene & Educação*. 28^a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. *40 Anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

Cadernos de literatura brasileira. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989

CUNHA, Maria Tereza Santos e BASTOS, Maria Helena Câmara. *Letras em festa*. In: NEVES, Margarida de Souza et al. (orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC Rio/Edições Loyola, 2001.

DE SÁ, Dominichi M. *A ciência como profissão; médicos, bacharéis e cientistas no Brasil*

⁵² Ibidem, p. 140.

(1895-1935). Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

HOCHMAN, *A era do saneamento*. São Paulo: Editora Hucitec ANPOCS, 1998.

LORENZO, Helena Carvalho e COSTA, Wilma Peres. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia; raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

VERISSIMO, *Solo de Clarineta*. Memórias. v. 1. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

_____. *Aventuras no mundo da higiene*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

Sites

Memória Viva <<http://memoriaviva.digi.com.br/omalho/>>

Fundação Astrojildo Pereira <<http://www.fundacaoastrojildo.org.br>>

Recebido em novembro de 2009

Aprovado em fevereiro de 2010